

Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RECITAL ENTREVISTA O PROF. DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ (IFMG)

Discutindo temas contemporâneos à luz do pensamento de Hannah Arendt

Entrevistadores

Leonardo Luiz Silveira da Silva (IFNMG campus Salinas)

Alex Lara Martins (IFNMG campus Pirapora)

Alfredo Costa (IFRS campus Caxias do Sul)

<https://doi.org/10.46636/recital.v4i2.323>

Apresentação

Danilo Arnaldo Briskievicz é graduado em Filosofia e Pedagogia, Mestre em Filosofia e Doutor em Educação. É professor EBTT de Filosofia e Sociologia no Instituto Federal de Minas Gerais. Possui diversas publicações nas áreas da Educação, História, Filosofia, Filosofia Política, Ensino da Filosofia, Sociologia, Filosofia Política, História, Fotografia e Poesia. Uma de suas especialidades temáticas é o estudo das obras de Hannah Arendt, que o possibilitou realizar uma abordagem *sui generis* da autora e a educação.

Entrevista

Leonardo Luiz Silveira da Silva [LS]: Já usei uma vez um adjetivo para o Danilo, chamando-o de *avis rara*. É difícil encontrar por aí alguém com uma sensibilidade artística do seu tamanho. Trabalhou comigo em duas oportunidades, na rede particular de ensino de Belo Horizonte (MG) no Colégio Pio XII e no Colégio Padre Machado. A minha preferência na hora do café era sempre sentar perto dele e ouvir; gosto de sentar próximo a quem me acrescenta e o Danilo sempre foi uma pessoa assim. Desde quando o conheci, já tem uns quinze anos ou até um pouco mais, Danilo mostrava o seu ímpeto com a escrita. É um publicador incessante. São vários livros publicados e a maioria deles associados a



um período de autoria independente. Danilo fez o seu mestrado na área de filosofia e refletiu na sua dissertação sobre Hannah Arendt. Na ocasião do doutorado, migrou para a área de educação, combinando filosofia e educação. Atualmente é professor do Instituto Federal de Minas Gerais, campus Santa Luzia; está afastado fazendo um pós-doutorado. É cidadão honorário do Serro, cidade onde nasceu e que contribuiu muito para a historiografia local. Danilo, faltou alguma coisa?

Danilo Arnaldo Briskievicz [DB]: Me chamaram outro dia de youtuber, porque eu tenho um canal no YouTube, que trabalha com filosofia, sociologia e história. E é o canal voltado pra manutenção da memória da cidade mesmo. A pegada do canal é de memorial e eu gosto muito de fazer o trabalho. Me dá trabalho, mas me dá prazer. Quando me chamaram de youtuber eu achei estranho, afinal não ganho um centavo com a atividade, só dá despesa, mas é divertido. Leonardo, só faltou acrescentar que eu fiz um ano de pós-doutorado agora em educação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, orientado pelo professor Cury. Vai sair um livro agora sobre esse pós-doc, que é uma pesquisa sobre tropeirismo do norte de Minas e vai ser bem interessante. Já emendei o segundo pós-doc em História, orientado pela professora Adriana Romeiro, que agora está estudando corrupção e eu estou trabalhando exatamente o tema do Senado da Câmara do Serro, do século dezoito. Não exatamente estou estudando a corrupção, mas estou tentando colocar um perfil desses “homens bons” e entender o padroado no norte de Minas, que é uma questão complexa. E estou aqui [*em Diamantina*] tentando acessar os acervos no que agora a gente chama de filigrana da pesquisa. É o momento que você tem que ir lá no acervo pegar e de fato colidir a sua pesquisa com a informação do acervo. É justamente o que faltou nos últimos dois anos. E o pós-doc vai me levar para Portugal, então eu vou ficar três meses lá agora, final do ano. Quando eu levei lá na pra educação essa era a proposta, queria fazer um doutorado, mas eu estava no [*Colégio*] Santo Agostinho na época, com vinte e seis aulas e a única possibilidade de fazer um doutorado que valesse a pena em Educação que era o que eu queria fazer era na PUC: não tinha outro jeito, por causa do horário, era sempre o contraturno... então as aulas eram à tarde, os professores muito bacanas. E aí eu fiz na PUC, e a tese já foi publicada. O tema era a Hannah Arendt: educação e política, que é uma lacuna que tinha no Brasil. Sobretudo nos países de língua portuguesa, é uma reflexão mais profunda mesmo. No Brasil a gente tem a Vanessa Siévers que faz a reflexão, tem outros autores que fazem reflexão com a educação, mas eu quis ir muito profundamente; eu acho que eu consegui, pelo menos a banca me falou isso e eu fiquei muito orgulhoso com o resultado da pesquisa. É uma interface muito complicada porque a Arendt tem uma produção muito pequena na área de pedagogia, na área da educação. Eu sempre quis trabalhar com a fonte primária que é o que ela escreveu, que é a crise na educação. E aí eu fui pesquisar o acervo dos anos 1950 acerca da temática no *The New York Times* e nas revistas de educação de Nova York. Foi uma pesquisa que me levou para lugares aos quais não imaginava. E inventei uma ontologia, uma divisão do pensamento de Arendt que eu vou tentar explorar com vocês aqui à medida que a gente for fazendo a nossa conversa, que é o que eu chamo de ontologia da singularidade e ontologia da pluralidade. Vocês não vão encontrar isso nos autores de Arendt, é uma coisa que está na tese. Eu quis separar exatamente para dar conta do processo, de zero a dezoito anos, isso pra Arendt é radical, pra ela não existe ação antes da maioridade civil. Então a escola tem que preparar, tem que ensaiar, tem que ser um laboratório. Quando chegar no mundo, aí vem todas as questões que ela te coloca. A ação é imprevisível, pode levar o sujeito à morte, ao sofrimento, à prisão perpétua, mas também a chamada felicidade pública que é um conceito que ela retoma do século XVIII. Quando ela fala da felicidade pública, está dizendo que os alunos preparados



para uma escola boa, democrática, republicana, vão saber pensar e agir no espaço público. Tento casar a ontologia da singularidade, que são crianças e jovens até dezoito anos com os adultos que são responsáveis pelo espaço público. Então essa foi a minha tese, que eu tentei fazer essa cisão que é muito clara pra Arendt. Criança, criança, adulto e adulto. Não misturar os dois. Daí surgem vários problemas no pensamento de Arendt e nas colocações que ela vai fazer, por exemplo, em relação aos negros quando ela vai discutir o caso de Little Rock. Eles queriam um artigo sobre Little Rock considerado um grande evento hoje né? O capítulo que fala sobre a temática é bem recomendado. Porque não tem identitarismo. Eu estou tentando mostrar o que estava acontecendo na época. Eu retomei o texto original, que foi, na verdade, censurado pela revista. Ela tentou publicar e eles tiraram partes do texto dela e está fadado a mil interpretações errôneas.

[LS]: Professor Danilo, nós sabemos que temos pessoas que não são muito afoitas no que diz respeito a misturar o que é acadêmico com o que é político partidário. No entanto, nós temos aqui um ano de eleição no Brasil e nós sabemos como é que a sociedade brasileira está se organizando de uma maneira tensionada. Este processo está sendo historicamente construído e aí é inevitável pensar na obra “As Origens do Totalitarismo”. A primeira pergunta que eu vou fazer é a seguinte: Quais paralelos que podemos fazer entre as avaliações da Hannah Arendt acerca da Alemanha pré-hitlerista, pré-nazista e no início do nazismo, e as situações que nós vemos hoje no crescimento de direitas ao longo do mundo e especialmente nessa ascensão conservadora direitista, que temos observado no Brasil?

[DB]: Então vamos por etapas. Quando Arendt publica em 1951 Origens do totalitarismo logo é percebido que é uma obra que em alguns países sai em três volumes. Cada grande capítulo sai separado do outro e isso não ocorreu no Brasil e nos EUA. Muita gente acredita que a Arendt ali está tentando falar de uma origem totalitária; origem para quem é da história é um termo muito complexo porque, especialmente na área da história social e cultural, quando falamos de origem estamos querendo buscar uma pureza. Quando Arendt está buscando a origem não é nesse sentido de uma natureza onde tudo começou ou aquilo que vai resultar na causa primeira, no caso em questão no que vai resultar no totalitarismo. Não é isso que ela está buscando. Para Arendt, a visão de história é algo nietzschiana, benjaminiana, que é uma visão muito aberta. Não existe o que ela chamaria de uma história que possa ser dada como uma regra geral. Não existe isso pra Arendt. A história é casual e resultado das decisões e atitudes dos seres humanos e de como cada um forma o seu próprio mundo. E é por isso que a liberdade está diretamente ligada às decisões: eu decido o que é melhor para mim e aí a história de cada um vai resultar na própria história em conjunto. Mas jamais é acessível o que é o conjunto da obra. Não existe o conjunto da obra. Arendt era kantiana e sabia muito bem que não existe o conjunto da obra. Porque o que existe são partes que a gente junta e diz que é a história global. Essa ideia de causa e efeito, por exemplo, que poderia vir de uma sociologia positivista não existe. Então origem pra Arendt é isso: buscar algo que fundamente, que dê uma certa explicação, uma fundamentação ou pressuposto para aquilo que aconteceu. Aí chegamos no conceito que ela inventou nesse livro. Que é o conceito de fissura, de abismo. É no abismo que a modernidade jogou o mundo. E a modernidade termina, porque para ela o totalitarismo finaliza a modernidade; ela não pensa numa pós-modernidade, mas o fim da modernidade. É exatamente isso. O liberalismo e o individualismo são manifestações da incompetência de gerenciar a vida



pública, que leva ao extremo de eliminar, por exemplo, judeus alemães que poderiam lutar na guerra. Isso nunca havia acontecido em qualquer sociedade. Na primeira vez que isso aconteceu, Arendt vai chamar de tripé do inferno: o antissemitismo, o imperialismo, final do século XIX e o totalitarismo. Filosoficamente falando, a parte mais expressiva do livro não é nem o primeiro, nem o segundo e o terceiro capítulos, mas a última parte, chamada de ideologia e terror. Nesta última parte Hannah Arendt fundamenta e dá o embasamento teórico de tudo que ela havia refletido. Tanto que nós da filosofia vemos o último capítulo para depois ler o restante do livro. É ali que está a fundamentação da filosofia política e muito menos, por exemplo, de uma sociologia, de uma história que aparece quando ela vai discutir o escândalo do caso do Panamá e o caso de Dreyfus na França. Hannah Arendt usava muitas expressões do Benjamim, como “buscar pernas no fundo do oceano” ou “o porão da humanidade”. Então Leonardo, para responder à sua pergunta: é importante lembrar que ideologia e terror são os fundamentos teóricos do totalitarismo. Um sistema totalitário ou um governo totalitário busca acabar com o que ela chama de imprevisibilidade da ação, então as pessoas devem agir mecanicamente de maneira a simplesmente abaixar a cabeça e perder muito da sua liberdade. Ora, isso vai totalmente ao contrário do que a Arendt acredita que seja um governo republicano de base democrática. É por isso que aí vem a outra questão complexa: porque nós estamos falando de uma judia refugiada dos Estados Unidos, morando em Nova Iorque e que é recebida com os braços abertos pela Academia Norte-Americana, diferentemente do seu esposo; seu segundo esposo que migra com ela era marxista, tinha medo de ser preso por causa do macartismo nos Estados Unidos. Arendt em todos os canais do Estados Unidos abertos para que possa refletir; começa a fazer uma reflexão a partir da realidade norte-americana, que é uma crítica que que muita gente constrói sobre a o próprio pensamento de Arendt. Dizem: ah, mas a Arendt é uma liberal, Arendt não consegue perceber movimentos próprios dos judeus da Europa. Ela criticou a criação do estado de Israel tem textos fabulosos sobre a idealização deste tema, que é a criação de um estado binacional. A proposta não avançou muito, o Benjamim Netanyahu, por exemplo, é totalmente contrário a essa ideia. Ele é a favor da israelização total de Israel, que é muito complicado. Quando nós trazemos a Hannah Arendt para os dias atuais nós temos que lembrar que a autora morreu em 1965. Tem gente que fala que a Arendt era neoliberal (anacronismo). Então o povo exagera, pega pesado com Arendt. Sabemos o que fundamenta isso. Porque muitas vezes a filosofia de Arendt tem as suas razões e desqualificá-la como mulher, judia, como aquela que está sempre pária dentro de uma sociedade, é muito usual. Especialmente se tratando de mulheres. É uma filósofa, todos nós sabemos que Arendt corre o risco de ser execrada desse meio que é o da filosofia. Então, quando nós vamos pensar nos dias atuais há que se ter muito cuidado e isso a área nos formaliza de uma maneira radical, pois nos capacita a entender os processos que acontecem. O termo processo define muito bem a análise que a Arendt faz. O processo em início, se desenvolve e culmina em alguma ação. Só que ele não acaba. Tem idas e voltas. Retornos e abandonos. E aí Arendt vai puxar aquela ideia fantástica que é a seguinte: da mesma maneira que eu posso hoje buscar uma tradição nazista para recompor um cenário de vazio conservador no Brasil, eu também posso buscar um fundamento da democracia greco-romana para dizer que esse governo que está aí é um governo que não corresponde aos ideais republicanos democráticos. Aí nós estamos falando de um governo conservador, mas que é um governo conservador pelo nosso embasamento legal, que é o estado de direito, que é uma constituição que não é conservadora, muito pelo contrário. A nossa base, o direito é de 1988. Não é à toa que o Celso Lafer trouxe a Arendt para o Brasil; Lafer foi aluno dela. Ele é famoso por tentar entender esse processo todo, visto que Lafer participou do processo todo da Constituição de 1988. A construção de 1988 não é uma imitação.



Eu sou muito avesso ideia de que é possível implantar sistemas de países diferentes no Brasil. A gente pode se inspirar. Na colonização portuguesa, por exemplo: tem gente que fala que Portugal implantou. Implantou nada. Nem sequer tentou espelhar. Mas as soluções políticas são comunitárias. São concertos locais, ajustes locais. Nos Estados Unidos ela faz toda uma apologia da organização política norte-americana. Exatamente por essa capilaridade, essa possibilidade de mobilizar a sociedade que ela chamava de poder; pra Arendt, poder é capacidade de agir em concerto. Isso não quer dizer todo mundo em concerto, mas a maioria, que é o princípio democrático. Arendt conviveu com poucas *fake news*. Mas hoje é muito mais massivo. É uma violência massiva em que grupos econômicos e políticos podem fazer de conta que a verdade não existe, manipular a informação. Nós que somos da filosofia, a verdade não só existe como ela é fundamental para a matemática, para a biologia, geografia. É a verdade estruturante, talvez não a da política. E aí nós temos que lembrar que Arendt era maquiaveliana. Então a Arendt sabia do jogo político, da capacidade que há de transparecer aquilo que não é de fato real. Aliás, as dimensões da realidade, realismo, veracidade, talvez não se constituam como o lugar da política. Mas o que nós percebemos nos últimos tempos é o caos total de qualquer possibilidade de sociedades democraticamente organizadas conseguirem agir a esse movimento massivo da falsidade das informações. Então veja o que que nós estamos falando de um quadro aqui de conservadorismo que é impulsionado por um acesso individual a uma informação falsa. Quando Arendt morreu ainda era comum termos por exemplo uma imprensa que chamaríamos de imprensa marrom, de vocação socialista, comunista; o sindicato ainda tinha certa capacidade de publicação no mundo todo. As internacionais ainda aconteciam, depois disso o sindicato praticamente fracassou. Isso vai desmobilizar a massa de trabalhadores. Então, a quem interessa essa manutenção desse sistema? É exatamente a quem controla o próprio sistema. Quando Arendt fala do imperialismo, nós temos que lembrar que a denúncia que ela faz do imperialismo é muito interessante. Porque essa ideia de que o imperialismo é europeu faz com que a Europa sangre, mas sangra a África, sangra todos os outros países no entorno. Então é uma permissão da violação da democracia e da república. E é isso que Arendt ataca no livro dela. Violência para Arendt é a única maneira de acabar com o poder. E aí nós temos que lembrar o seguinte: quanto mais a violência de informação falsa... isso é uma violação, isso é uma violência. A Arendt vai analisar por exemplo a Revolução Francesa. O que transformou os nervosos em engajados, os enragés em engagés propícios ao assassinato é exatamente a hipocrisia. E aí que está a chave de leitura para dias atuais. O conservadorismo tem muito de hipocrisia. Ele quer mascarar o mundo real. E quando nós mascaramos o mundo real nós estamos falando do desejo humano, nós estamos falando dos problemas sociais, nós estamos falando de formas políticas que vão acabar com a liberdade das famílias, tudo que a gente vê no Brasil em dias atuais; essa violência que é feita cotidianamente quando ela for revelada... e já está sendo revelada. Para quem quiser essa revelação gera uma violência. E essa violência a gente sabe para onde está indo. Talvez um dia vá para o governo, o que no Brasil não é comum. As revoltas populares do Brasil todos nós sabemos: são revoltas que são revoluções operadas por cima, sempre por cima. É sempre uma mudança proposta pela elite econômica e política. Mas as bases econômicas ainda são mantidas. Temos que lembrar que povo para Arendt é uma expressão muito importante. Multidão é o número de pessoas de um país. O povo é aquele que consegue agir em concerto. Então será que nós vamos conseguir descobrir que estamos sendo violentados? E quando a ficha cair, quando a gente descobrir isso, nós vamos reagir de que maneira? Será que vai haver uma nova tradição de 1988 a emergir? Não sei. Talvez haja essa possibilidade.



Alfredo Costa [AC]: Professor Danilo, você trouxe uma perspectiva que me chamou atenção. Porque, à primeira vista, apontar que exista a verdade soa como algo anticientífico. Gostaria que explicasse um pouco melhor o que isso quer dizer.

[DB]: A Arendt é uma autora que lê Kant. E nós sabemos que o iluminismo (coincidente com a modernidade) busca a verdade, assim como os gregos buscavam. Kant é a favor da ciência. Filosofia não é ciência. A filosofia de fato se for radical, trabalha com a noção de verdade. Talvez a ciência trabalhe mais com a veracidade dos fatos. Ou com a veracidade dos dados e dos processos. É importante lembrar que quando Arendt vai atacar o cientificismo, é que ele pode levar ao extermínio do planeta Terra. Haja vista por exemplo ameaça nuclear. A gente tem a questão aí dos estoques de ogivas nucleares da Rússia, Estados Unidos: quem colocou em risco a humanidade não foi a filosofia. Não foi a busca pela verdade. Foi a busca por resultados de processos. Então a ciência é questionada por Arendt nesse sentido. O cientificismo que é usado pelos assessores de mentalidade fria e calculista, pessoas que só pensam na racionalidade dos fatos ou na racionalidade dos resultados, pode levar a humanidade a catástrofe. A geografia busca a verdade é porque no final das contas a verdade constrói a república e a democracia. Nós temos demonstrações filosóficas: o Kant faz uma demonstração muito clara de que a mentira não só é antiética e imoral; ela não cria sociabilidades, ela não cria uma sociedade republicana e democrática. Na política é possível mentir? É possível mentir. Até que uma nova verdade se estabeleça. Aí a Arendt vai dizer o seguinte: existe o senso comum. O senso comum pode se enganar. Como por exemplo o senso comum no Brasil se enganou com o Bolsonaro. Quer dizer, eu acho que enganou. Não acabou o governo ainda. Quem sabe ele se redime até o final do ano. Isso é uma ironia... mas o senso comum estabeleceu uma verdade. A verdade do senso comum que é o sexto sentido político é sintetizado na ideia que a corrupção vai acabar. São pessoas que nunca entenderam o que é corrupção. A corrupção ela faz parte da democracia e da república. É por isso que a corrupção não acaba. Ela pode diminuir. O que faz a corrupção diminuir são instituições fortes. Aqui a ciência é discutida na chamada filosofia da tecnologia; trabalhamos com a crítica que a Arendt faz da tecnologia, a técnica. No livro *A condição humana* ela trabalha com as três dimensões da condição humana. O labor que é manter a própria vida. Apenas um adendo à minha narrativa, estou me baseando na primeira tradução no Brasil. Eu preciso comer, eu preciso dormir e tomar banho. É necessidade do próprio corpo. E o *Work*, que é o trabalho: você sai de casa para ganhar o dinheiro e a ação. O que é ação? A ação é quando eu crio com o meu par uma conveniência para derrubar o governo, para fazer uma greve. Então eu vou estar com o outro. Aí eu pergunto: o que acabou com a modernidade? O que acabou com o totalitarismo? O espaço da liberdade e de ação. Nós não estamos mais agindo, porque a gente acha que agir hoje o que que é? Nota de repúdio é vista como ação. Isso não é ação. Nota de repúdio é uma reação midiática. Mas não é uma organização popular. Vejam o que é fazer um vídeo na internet. Isso é uma ação? Talvez sim, talvez não. Mas onde que a população está de alguma maneira dizendo que não quer que determinado processo político continue? Uma nota de repúdio não vai mudar isso. Então a ação foi quase que exterminada no Nazismo ou no sistema totalitário. Porque que os judeus, os ciganos, homossexuais, deficientes físicos foram usados nos campos de concentração? Hitler não era um desavisado, ele sabia que era preciso testar uma forma de manipulação total do labor e do trabalho. Tanto que o trabalho forçado era uma realidade no campo. Hitler queria simular um espaço total e completamente artificial onde os encarcerados não tivessem mais liberdade de ação. A pergunta que ninguém faz é a seguinte: se de fato esse laboratório tivesse migrado para a Alemanha nazista e as pessoas simplesmente baixassem a cabeça e fizessem só o que o Führer mandasse, o que que seria da Alemanha? Não



teria mais poder, segundo Arendt. Isso não é democracia. Democracia é divergência, democracia é contraditório. Instituições que vão se renovar, sempre num processo de avanço democrático e não de retrocesso.

[AC]: Deixe-me reagir à sua fala: quando você fala da divisão entre *Labor*, *Work* e *Ação* e que o totalitarismo age contra a ação, será que mesmo em sistemas em realidades democráticas, como as do ocidente, isso acontece? A democracia também atua para coibir a ação através, por exemplo, do uso da força policial em manifestações. Quando temos um tolhimento das liberdades de expressão ou de manifestação com a intervenção da polícia com apoio do governo, isso poderia ser visto como um flerte com autoritarismo ou isso já faz parte do cotidiano das democracias, mesmo das mais avançadas?

[DB]: Temos que lembrar o que fez a Arendt optar em toda a sua filosofia por Sócrates e não por Platão: exatamente porque Platão abriu mão do espaço público e quis inventar a política artificialmente. Quando a gente lê a República de Platão, especialmente capítulo no sete, temos ali uma abstração do jogo político para a intervenção racional na política. Então Platão é o primeiro cientista político porque ele inventa no gabinete dele como as pessoas devem agir. Não é assim que funciona. Ninguém consegue fazer isso. O nazismo e a ditadura tentaram calar todo mundo. Não conseguem. Porque as pessoas morrem, mudam de opinião, reagem, e a ação quando nós temos a polícia, por exemplo, é uma tradição. Nós temos que lembrar que na Grécia antiga, Sócrates é convidado a fugir e abrem o cárcere para ele. Sócrates fala que não vai fugir, que vai cumprir a lei porque concorda que a maioria das pessoas que apoiam essa lei formam o mundo que ele participa. Aí a Arendt diz que essa é a fala do o filósofo Sócrates. O filósofo está agindo de uma maneira ética, moral e política. Platão fugiu do mundo. Platão ficou com medo de morrer e inventou um sistema totalmente abstrato, onde o mais sábio deveria governar. Isso é um bafejo, não é? No Brasil, se estamos em crise, chamamos quem? O general, o militar ou o salvador da pátria, não é? Ele tem a disciplina, hierarquia, ele foi feito para mandar, então ele não vai falhar. É esse o discurso bolsonarista. É falado que não há corrupção no Brasil. Claro, calou todo mundo. Então Arendt de certa maneira, instaura essa questão. A polícia é uma tradição na democracia também. Porque a polícia tem a ver com a organização interna das nações. É preciso que haja uma proteção das fronteiras ou do próprio povo que ali habita das invasões externas. O que a Arendt critica, por exemplo, é a polícia secreta, a Gestapo. O que ela criticaria com toda certeza são ditaduras que fazem perseguição de pessoas. Criticaria o envenenamento que é algo que o Putin promove aos seus inimigos. Porque não escutar o contraditório? A violência policial, se não tem limite, acaba com a democracia. Todas as vezes que a violência aumenta, o poder diminui. E o senso comum político sabe muito bem que a violação cotidiana dos direitos humanos vai levar uma desagregação daquela sociedade. Há algo em nós que é uma intuição política que reconhecemos e aprendemos a conviver. Na sociologia nós chamamos isso de socialização. Eu acredito que as escolas estejam formando e informando bem os alunos. Então querendo ou não há alunos que saem das escolas hoje com a mentalidade democrática republicana. Existe então uma massa de pessoas com essa noção já bem instaurada e que percebe que há algo errado com a violação dos direitos humanos. Então atacar os direitos humanos é praticar violência e diminuir o poder. Todas as vezes que a violência predomina, como no Nazismo, no Fascismo, na ditadura militar e aí por diante, todas as vezes que a violência domina o poder acaba. E se o poder acaba, a democracia acaba como consequência. Então, vai chegar o momento que os engajados vão se revoltar de novo. E aí nós



temos a metáfora do líder que perde seu poder. E esse líder que pede o poder pode ser por vários fatores. Pela morte, assassinato, uma revolução, uma revolta, em golpe militar. E assim por diante. Sabemos disso.

[LS]: É difícil comparar a Alemanha pré-nazista com essa ascensão que vemos hoje. Então você, a medida do possível, está estabelecendo paralelos. Na sua opinião, existem hoje, no Brasil, grupos que estão servindo de bodes expiatórios como pano de fundo para essa construção desse poder em torno do conservadorismo, da direita? Você consegue perceber isso?

[DB]: Vamos retomar lá na época da Arendt. Ela vai retomar a ideia de hipótese do bode expiatório. Bode expiatório todo mundo sabe que é uma expressão judaica. Você coloca o altar, você mata o bode, faz o holocausto dele. Pra que ele pague os seus pecados. Arendt vai destruir essa doutrina do bode expiatório, que tinha os judeus como vítimas preferenciais. “Temos que morrer mesmo porque somos judeus e nós matamos o Cristo”. Nós temos as minorias sociais no Brasil e a gente chama de minoria não a questão numérica, mas a questão da representatividade. Especialmente de 1988 para cá os indígenas ganharam muita autoridade; porque ganharam autoridade? É quando eu consigo acionar as instituições. Então houve muita proteção necessária, extremamente necessária das áreas demarcadas. Houve uma expansão das comunidades quilombolas. Então a demarcação de áreas quilombolas ampliou no Brasil. O racismo se transformou em crime no Brasil e hoje a homofobia ela está para ser aprovada e vai ficar no mesmo nível do racismo; já temos essa discussão toda do direito de injúria racial e racismo cada vez mais próximos. Os homossexuais, os bissexuais e todas as siglas são minorias sociais. Porque tem sempre um discurso conservador que vai punir aquele corpo. Nós estamos falando de corpos que são punidos por terem desejos determinados. Então um governo conservador quer nivelar todos os desejos. Todo mundo tem que desejar da mesma maneira. O conceito de família tem que ser uma família tradicionalmente entendida, com um homem e uma mulher e, de preferência, uma menina e um menino. E isso o IBGE [*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*] jogou no chão. Então veja, existe um estado de direito que de alguma maneira rivaliza com esse discurso conservador. Pela constituição não tem como escapar. Os índios têm direito a suas terras. Ponto. Os homossexuais têm direito a proteção do Estado. As minorias étnicas, os quilombolas têm seus direitos. As mulheres têm direito. Ou seja, o direito é garantido. Onde eu vou criar o subterfúgio para continuar a perseguição a esses corpos diversos e plurais? Especialmente através da falsificação de informações. É simulada uma tentativa de homossexualização das crianças de forma bizarra. A pessoa que tem o mínimo de informação vai entender que isso é mentiroso, hipócrita. Mas na hora que isso é falsificado a minoria, que assim como na Alemanha era os judeus, a minoria hoje ainda é proporcionalmente mais assassinada no Brasil. A comunidade LGBT simplesmente não reage. Porque muitos sentem vergonha de assumir a sua orientação sexual. Muitos não se apresentam para defender a causa. E o que acontece? Existe uma reação popular contra essas minorias. O que veio depois do governo Bolsonaro foram exposições que foram censuradas, músicas... Mas tem como censurar pela constituição? Não. Então a única maneira de censurar é criar grupos para políticos, verdadeiros batalhões que vão trabalhar em função de um discurso, uma narrativa. É comum escutar pessoas que afirmam que os indígenas são contrários ao progresso. Que os indígenas não defendem a fronteira do Brasil. É comum ouvir que a mulher tem que apanhar. E nós não só escutamos isso, a gente percebe que é uma naturalização desse conservadorismo contra os



grupos que são minorias. Até onde isso vai durar? Até o momento em que houver uma reação institucional. Nós tivemos várias reações do próprio STF que a princípio seria o guardião da constituição. Vários tribunais estaduais também. Nós também tivemos causas ganhas. Ou seja, a coisa está avançando. Existe algo que é incontrolável que é a capacidade do ser humano de reagir a opressão que ele sofre. Eu acho que isso é um dado muito importante porque se a gente pensar filosoficamente, eu permaneço vivo enquanto eu reajo ao mal que me fazem e procuro o bem que eu quero para minha vida e para o a vida dos outros, que é o que Aristóteles chamou de não contradição. Eu posso contradizer todo mundo menos a mim mesmo.

Alex Lara Martins [AM]: Danilo, o caso Dreyfus é um julgamento que na verdade foi uma farsa. Então você perguntou se no Brasil talvez a gente pudesse fazer uma relação com o caso Dreyfus. Para muitos, fica cada vez mais claro que de fato a Lava Jato foi, digamos, um julgamento que foi mesmo uma farsa. Houve ali pessoas sendo perseguidas. A gente tem uma questão inclusive jurídica de manipulação do próprio direito, além de interesses políticos dos próprios envolvidos no julgamento. Então talvez a gente pudesse fazer uma relação aí entre os dois casos nesse sentido. Não sei o que você acha, mas eu penso que são paralelos. Nunca vão ser semelhantes, porque é um anacronismo achar isso, mas vamos dizer, há pontos em comum.

[DB]: Existem livros sobre o caso do Dreyfus que são muito interessantes. Trazem a mesma noção que eu acho que a gente tem que trazer: para cada ação política existe uma reação que vai acontecendo em paralelo. Que pode se transformar em violência, que pode se transformar em revolta ou numa tomada de novas decisões políticas. No caso Dreyfus, nós temos que lembrar que ele saiu como herói dos judeus. Tanto que Arendt traz uma certa ironia quando ela diz que o antissemitismo começou ali. No começo Dreyfus não percebia no que estava envolvido. É relevante o papel da imprensa, da grande mídia da época, tanto que o Balzac, se não estiver enganado, sai na defesa do Dreyfus.

[LS]: O Émile Zola fez uma coluna em um jornal que teve grande repercussão sobre o caso Dreyfus.

[DB]: Hoje, na Europa, a perseguição a ciganos é severa e radical. Cada dia mais aguda. O que que vai gerar nesse nessa situação toda? Pode gerar uma revolta popular. Uma tomada de consciência. Vamos lembrar aqui. A Arendt diz é importante que os judeus estabeleçam o Estado armado para se defender. Quando Arendt lança essa ideia foi uma bomba na Europa. Nessa lógica, a única possibilidade do povo judeu se manter vivo e criar uma criar uma identidade política é ter um exército para se defender. No momento que Israel funda o seu estado sobre terras que estavam em litígio e estão em litígio até hoje, temos uma história pregressa. Que para aquele povo, aquele lugar é sagrado. Mas também é sagrado para os palestinos. Então como que fica isso? Direito internacional explica. Não é um tema fácil, é um tema muito espinhoso. Extremamente espinhoso. Então vamos fazer um paralelo: vamos pensar em termos da Lava Jato. O que consta para nós hoje é que a instrução jurídica foi tomada com o direito norte-americano. O direito norte-americano ele não coaduna com o direito brasileiro. Ponto. Então as medidas que se tomam nos Estados Unidos para punir determinadas instituições



não funcionam no Brasil. A base do nosso direito é de outra matriz. Então quanto a Lava Jato traz essa fundamentação para cá, o que ela faz? Ela cria uma bizarrice jurídica. E aí é promotor que está investigando, é promotor que está inventando PowerPoint. Isso não pode. No Brasil isso não funciona. Toda ação ocasiona uma reação política. A reação política no STF. Aqueles que apoiavam o Moro e aqueles que não apoiaram. Quem ganhou no STF? Os que não apoiavam a Lava Jato. A Lava Jato está perdendo todas as ações. O Moro está procurando, nesse momento, uma forma de ter um foro privilegiado. Para ficar em liberdade. Porque vai chegar o momento em que vai radicalizar esse discurso contra a Lava Jato. Especialmente se a esquerda retomar o poder. Ela vai ter acesso às informações, ela vai ter acesso aos cargos e fala-se muito que o PT, assim como toda a esquerda, aparelha o estado. A pergunta que eu faço é: qual partido que não aparelha estado? O Estado serve para que gente? Para o estado se você não aparelhar você não governa. E não existe a menor possibilidade se ele ser diferente. Isso é democracia. Há maneiras mais democráticas, republicanas, de aparelhar? Existe. Então assim a gente tem que confiar que existe uma maneira. Não é razoável imaginar que a política é o lugar onde a gente vai ter um discurso purista, que vamos criar uma sociedade plenamente livre onde direito vai reinar soberano. No caso do Dreyfus, por exemplo, ele foi julgado de acordo com as leis que existiam na França. A Lava Jato operou dentro do estado direito. Mas quem vai fiscalizar se a investigação é legítima ou não? A Lava Jato fez alguma coisa que era ilegítimo a gente vai ver nos próximos capítulos. Se foi algo ilegítimo, alguém vai ter que ser punido. Certo? No caso do Dreyfus, por exemplo, todo o processo dele foi eu acredito legítimo, apesar de manipulado. Mas a gente sabe que a manipulação pode acontecer e as decisões jurídicas nunca são neutras. Não há neutralidade política nos tribunais. O direito é uma ciência e como tal trabalha com causa e efeito. Ela trabalha com processos. A filosofia trabalha com a verdade. Então a Lava Jato é verdadeira ou não? Ela é falsa ou não? Ela é uma aberração jurídica ou não? Vamos ver os próximos capítulos. Novas forças políticas estão surgindo. A gente percebe que o discurso conservador está em queda agora, o que será aprofundado com o fim do governo Bolsonaro. Que é apenas aquela famosa ponta do iceberg. Temos que lembrar que a sociedade brasileira é extremamente conservadora. Tradição é algo que ajuda o mundo a ficar melhor, desde que ela apareça ou reapareça no momento correto: tradição democrática, tradição republicana... Mas o conservadorismo, deixar sempre tudo como está, isso é, digamos, antidemocrático. As coisas têm que avançar. As instituições precisam, mesmo que lentamente avançar. A escola precisa avançar. Bolsonaro não faz política de fato. Ele faz uma política que culmina com a derrocada do espaço público.

[AM]: Meu projeto acadêmico está muito mais vinculado à questão da educação do que propriamente a filosofia. Por essa razão, eu tenho me debruçado pouco nas questões próprias da filosofia. Então, eu queria te perguntar alguma coisa relacionada à educação: como uma boa filósofa, a Hannah Arendt nunca se preocupou em gerar controvérsias. Aliás, ela tem várias controvérsias com os próprios judeus nos Estados Unidos. Ela não teve nenhum pudor em tomar, nas suas teorias, elementos da própria tradição filosófica muitas vezes vistos, inclusive, como anacrônicos. E, ao mesmo tempo, a gente utiliza muito a Hannah Arendt no ensino médio. Eu lembro aqui do conceito de cidadania dela, que os estudantes conseguem entender de uma maneira um pouco mais profunda. Nesse caso, especialmente, são questões importantes que ela traz, apesar da complexidade dos temas que ela trata. Eu queria te perguntar como que você enxerga a questão do ensino da filosofia e como que é possível dialogar com a Hannah Arendt. Porque veja, ela não parece ser uma autora muito progressista, no sentido de trazer temas muito atuais da juventude,



inclusive questões de gênero; eu não sei se ela dá conta de transitar por esses temas que essa nova geração está preocupada. Como que é possível fazer esse diálogo com o ensino médio especialmente?

[DB]: A tradição mais duradoura da humanidade é a educação. Só que existe educação não formal e educação formal. Nós formalizamos um sistema educacional no mundo ocidental. Praticamente eles estabelecem no mundo todo, dentre os pedagogos do século XVIII, uma educação a partir da Rousseau. É um sistema gradual baseado cada vez mais na progressão cognitiva e na ampliação da possibilidade de emancipação do sujeito a partir dos doze anos. Arendt lia muito a psicologia educacional, para fundamentar a sua crítica ao sistema educacional norte-americano que para ela era um verdadeiro horror. Porque ela vinha de uma Alemanha que o sistema era outro. A finalidade de educação é a formação do bom pensamento e do bom julgamento. Isso não é natural. Isso é socialmente dado. Quem ensina as crianças são os adultos. Que apresentam um currículo, que tem uma formação pedagógica, que tem as suas instruções. Isso muda com o tempo? Claro que muda. Pedagogia muda o tempo todo. Mas abandonar crianças no seu próprio mundo é o que ela criticava em relação ao pragmatismo. Lembrando que pra Arendt educar é acima de tudo permitir que as crianças e jovens possam errar diante um dos outros. Porque quando o adulto erra ele vai para cadeia. Quando um adulto comete um crime. Quando ele vai pro espaço público ele pode ser agredido. Mas a criança não pode ser agredida na escola. Ela não pode sofrer bullying; a criança tem que ter espaço para crescimento do seu emocional e do seu cognitivo. Essa separação pra Arendt é radical. Por isso que quando ela vai pra Little Rock diz que os adultos nem resolveram ainda a legislação. Aí mandam as crianças para escola para que sejam hostilizadas. Arendt ficou antipatizada pelo movimento negro norte-americano, porque ela não era uma mulher negra, era uma judia. Então não havia ainda essa noção da Djamila Ribeiro sobre lugar de fala, lugar de escuta. Há controvérsia sobre esse tema, mas essa noção não existia. Arendt queria dar a opinião dela e foi massacrada. É importante lembrar que os filósofos, por mais que eles sejam massacrados, é importante emitirem opinião, pois substancia a dialética. Então eu acho que o papel de Arendt foi muito importante quando ela publicou esses artigos, sabe? A produção intelectual tem a ver com o seu tempo e o de Arendt foi um tempo complexo, muito controverso.

[AC]: Para encerrarmos, eu gostaria de pedir ao professor Danilo pudesse dizer um pouco da sua visão pessoal sobre quem era a Hannah Arendt, tendo em vista a sua própria trajetória como pesquisador, que analisou sua vida de maneira profunda, analítica, comparada. Mais do que isso, eu queria saber como você apresenta a Arendt para os seus alunos do ensino médio. Como é a sua abordagem?

[DB]: Eu acredito que a chave de leitura para entender a Arendt deve centrar nas possibilidades que ela abre para compreender o fenômeno da liberdade. Nós discutimos filosofia política para entender como a liberdade foi tratada desde que a sociedade se constituiu. Então entender como a liberdade é tramada, tecida socialmente, é o que me instiga entender mais a Hannah Arendt. É uma mulher judia que fugiu para não morrer, na Segunda Guerra Mundial. Ela chegou a ser levada para o campo de concentração na França. Então é uma mulher que tem muito a dizer sobre o que nós precisamos compreender sobre a política. E não é uma política da lacração. É algo que embasa uma ação das minorias sociais, grupos sociais, professores, alunos nas suas



ações cotidianas e aí por diante. É uma autora que apesar de ter morrido no século passado, muito do que ela falou ainda não conseguimos vivenciar. Então se há um hiato, uma separação entre o que ela disse e o que nós vivemos significa que Arendt não está superada ainda. Muito pelo contrário, ela tem muito que nos ajudar a pensar.